

HISTORIANDO E CANTANDO A LETRA DA CANÇÃO

Prof^ª. Ma. Ijaciara Barros de Abreu; Prof. Dr. Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva.

Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco barros.ijaciara@gmail.com.; Universidade de Pernambuco paulodeabreu2013@hotmail.com.

Resumo: Não raramente ouvem-se, por parte dos professores, relatos de confrontos advindos da distração de estudantes, provocada pela utilização de recursos tecnológicos durante as aulas, dificultando o aprendizado. Para tentar minimizar o impacto que a utilização de recursos tecnológicos, de forma errada e em momentos impróprios, provoca nas relações estabelecidas no âmbito escolar e apresentam-se como um entrave, no processo de ensinar e de aprender, esse artigo tem o propósito de apresentar uma experiência pedagógica realizada na EREM (Escola de Referência em Ensino Médio) Humberto Lins Barradas, localizada no Município de Jaboatão dos Guararapes, na Região Metropolitana do Recife. Trata-se de uma Escola pública da rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco. O problema surgiu da constatação do estado de apatia apresentado pelos estudantes, pois que, em condições, muitas vezes insalubres, durante dois dias por semana, tinham que permanecer na Escola em horário integral. Entendendo que é necessária, antes de tudo, a motivação para que o aprendizado realmente ocorra algo de urgente precisava ser feito para reverter aquele quadro. O Projeto Historiando e Cantando foi planejado e executado com a finalidade de mitigar a apatia e estimular o pertencimento no processo ensino e aprendizagem, através de uma prática pedagógica que buscasse naquilo que é de interesse dos estudantes, o incentivo para a execução, mesmo em uma comunidade diversamente composta, principalmente, com valores religiosos tão arraigados e, muitas vezes, cerceadores. Porém, a diversidade interna daquele núcleo estudantil, não impedia a utilização, sobretudo, dos aparelhos de celular para exercitar o hábito do canto, com muita frequência. Portanto, a canção apresentou-se como o elo que iria unir os diferentes em uma atividade socializada. Compartilhar essa experiência é o que se propõe a seguir.

Palavras-chave:

Prática Pedagógica, Ensino de História, Tecnologia da Informação, Música.

Introdução

A prática do ensinar e aprender, através da docência do componente curricular de História, permite experienciar uma dinâmica constante de interlocução, dialogicidade, debates e, por muitas vezes, confronto de ideias, o que parece ser saudável em um ambiente diverso, não fossem os excessos que, frequentemente, geram entraves difíceis de serem superados, quando a problemática esbarra em valores que não se enquadram nos padrões tidos como “aceitáveis ou verdadeiros”, para adeptos de determinados segmentos religiosos. Essa pluralidade religiosa, notadamente, é um desafio para quem leciona História e tenta manter o diálogo e despertar o respeito pelo diferente, a partir do conhecimento de outras verdades.

Outro tipo de situação muito costumeira em turmas de Ensino Médio é a curiosidade, o enfrentamento, a rebeldia natural da adolescência, a irreverência, comportamentos que se observa com enorme preocupação, têm cedido lugar a posturas de apatia e desânimo, não condizentes com jovens que deveriam reagir de forma mais contundente e incisiva. Agir para reverter esse quadro parece ser uma necessidade urgente.

Com a dimensão avassaladora e irreversível que as tecnologias conseguiram obter nas atividades rotineiras, nada mais natural que elas adentrassem, com a mesma força, nas salas de aula, como mais uma ferramenta facilitadora da aprendizagem, fato que não corresponde a realidade. Os docentes, sem o devido preparo e investimentos em sua formação, por parte dos órgãos governamentais, não acompanham o ritmo perceptivo e nem dispõem do mesmo tempo que os estudantes para o trato com as TIs (Tecnologias da Informação). As escolas públicas estaduais, mal equipadas e mal estruturadas, não oferecem condições para uma mudança de postura imediata.

A EREM (Escola de Referência em Ensino Médio) Humberto Lins Barradas, localizada no Município de Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife conjugava todas as dificuldades supramencionadas. Portanto, a partir do Componente Curricular de História, surgiu a ideia de desenvolver uma prática pedagógica que, ao mesmo tempo em que fosse lúdica, conseguisse congrega estudantes de segmentos religiosos diversos, sem que interferisse em limitações impostas, muitas vezes, pelo pertencimento religioso, que fosse capaz de despertar o interesse daqueles adolescentes, necessitasse o uso de ferramentas tecnológicas e fosse uma atividade do agrado de todos. Muitos deles utilizavam o celular, no ambiente escolar, para ouvir música. Evidentemente, os estilos eram divergentes, mas todos, indistintamente, ouviam e cantavam, dentro de um clima de respeito que impressionava, diferentemente de outros momentos em que os ânimos acirrados explicitavam a total conduta de intolerância. Portanto, ficou claro que o elo capaz de promover a união tão almejada e facilitar o desenvolvimento do projeto idealizado, seria a música.

O Projeto Historiando e Cantando surgiu para tentar minimizar os problemas supramencionados, desconstruir as barreiras que dividiam os estudantes em verdadeiros guetos, introduzir as ferramentas tecnológicas no fazer da sala de aula, com o firme propósito de promover o melhor conhecimento do outro e estimular o interesse pelo aprendizado.

Uma vez que seria um projeto desenvolvido de forma socializada, o conhecimento de todos, ainda que pequeno, seria um contributo valioso para sua concretização.

Sabedores de que, o foco maior do Ensino Médio é a aprovação no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que possibilita o acesso à Universidade, o projeto permitiria o exercício da escrita, importante, principalmente, no exame de redação, o aprendizado da História, o aperfeiçoamento do manejo com as tecnologias da informação e, ainda, a possibilidade do docente aprender com o estudante, um

conhecimento que ele não domina com tanta propriedade. Tratava-se, portanto, de um projeto interdisciplinar, uma vez que abrangia várias áreas do conhecimento, pois, o produto final seria a gravação de um CD.

Oportunizar aos estudantes, a partir do Componente Curricular de História, a inserção e postura de pertencimento no processo ensino e aprendizagem, com a aplicação de uma prática interdisciplinar, que instigasse vontade de aprender e produzir, não por imposição, mas por prazer, seria sem dúvida a grande proposta desse fazer pedagógico.

Os passos para execução do Projeto Historiando e Cantando, da EREM Humberto Lins Barradas, desenvolvido no ano de 2016, seus resultados e dificuldades enfrentadas é o assunto do qual tratará este escrito acadêmico.

Metodologia

A princípio, o projeto foi apresentado em todas as turmas e formada uma comissão assessora e avaliadora permanente, com estudantes voluntários, que teve como primeira tarefa participar, juntamente com a professora coordenadora do projeto, a seleção dos cantores para a etapa final, que seria a gravação do CD. À medida que as músicas eram selecionadas, os ensaios seriam realizados em turno oposto às aulas.

De acordo com o quadro introdutório apresentado, fica claro que o Projeto Historiando e Cantando seria desenvolvido, a partir do que fosse estudado no Componente Curricular de História. Os estudantes de todas as séries, divididos em grupos, deveriam ao final de cada unidade de estudo, compor e apresentar uma música ou paródia. Cada turma apresentaria em média, de quatro a cinco músicas. A própria sala escolheria a música que iria representar sua turma e a comissão decidiria por tema, com a professora coordenadora, qual a música selecionada iria compor o CD.

Os estudantes com habilidades para desenho foram convidados a apresentar uma proposta para a capa do CD. Mais uma vez, a comissão escolheu a que melhor se adequou ao Projeto.

Computadores, notebook, pen drive, smartphone, filmadora, instrumentos musicais, caixas de som, microfones foram algumas ferramentas que passaram a fazer parte, mais constantemente, da atividade escolar.

Após os ensaios, com autorização escrita dos responsáveis, os estudantes foram levados ao estúdio para, com a ajuda de um profissional, procederem a gravação do CD. Ressalta-se que a participação da comissão foi efetiva no processo

de mixagem e audiência das gravações. Também foi de sua responsabilidade a organização das músicas e integração no processo de diagramação.

Foram confeccionadas camisas para os participantes em apresentações externas e produzidos 100 CDs.

Vale ressaltar que o Projeto apenas pode ser desenvolvido, por ter sido contemplado com verba advinda do PROEMI (Programa Ensino Médio Inovador). Tal constatação corrobora com o senso comum existente entre os docentes, de que o problema educacional no Brasil não é incompetência nem incapacidade de quem leciona, mas a falta de recursos, apoio financeiro e humano.

Resultados

A partir da sugestão para o desenvolvimento do projeto em foco, percebeu-se a princípio certa resistência, mas, após os primeiros resultados, o desejo de demonstrar talentos, até então camuflados, foi aflorando. O interesse pelas aulas foi crescendo gradativamente, pois, afinal, quanto mais conhecimentos agregados, mais oportunidade de compor uma letra com melhor conteúdo haveria. Ao início de cada novo tema, a pergunta sempre vinha: - Desse aí, a senhora vai pedir música?

Inúmeros talentos foram revelados. Os estudantes das várias denominações evangélicas apresentaram maior intimidade com os instrumentos musicais e o canto, propriamente dito.

Os “guetos”, antes tão visíveis, foram perdendo estrutura à medida que iam misturando funk, pagode com música gospel, num verdadeiro diálogo sem travas nem amarras. O exercício da escuta passou a ser algo mais natural, uma vez que todos tinham pretensão de ter sua música contemplada.

Um fator importante foi a possibilidade de mostrar habilidades que nem sempre são exploradas, como o desenho, o trabalho de diagramação, de produção de vídeo e, principalmente, a oportunidade de estar em um estúdio de gravação e constatar outras possibilidades de aprendizagem.

O lançamento do CD ocorreu na Gerência Regional Metropolitana Sul, na sessão de abertura das comemorações do Bicentenário da “Revolução Republicana de Pernambuco em 1817”, na presença de personalidades como o Prof. Dr. Marcus Carvalho, da UFPE; do jornalista Paulo Santos de Oliveira, autor do livro A Noiva da Revolução – O Romance da República de 1817; Técnicos de Ensino e demais Professores de

História da GRE Metro Sul. Aquele acontecimento serviu, de maneira contundente, para elevar a autoestima dos estudantes ali presentes e dos demais participantes do Projeto.

Evidentemente que muitos percalços ocorreram: ensaios e reuniões fora do horário regular de aula foi, certamente, elemento de maior dificuldade, pois teria que adequar um momento que contemplasse a todos integrantes.

Transporte para locomoção e alimentação a contento apresentou-se como outro grande entrave, pois, os períodos de gravação, por vezes, se estendiam durante todo o dia e a verba, por mais que se planeje, tende a faltar.

Apesar dos transtornos, nada foi maior do que a satisfação de ver crescer o interesse, a união, o engajamento entre os estudantes, o crescimento deles como seres humanos, sentindo-se parte integrante e relevante do processo educacional e, principalmente, de ter tido a oportunidade de, com eles, tanto aprender.

Discussão Teórica

Partindo-se do pressuposto de que dentre as atribuições do professor, encontra-se a tentativa de minimizar as diferenças e contribuir para a formação de cidadãos críticos e participantes, para que se tenha uma sociedade mais justa e menos excludente, é necessário que ele esteja atento às sutilezas que permeiam as relações e comportamentos vivenciados no ambiente escolar.

Pascal (2005) que ainda no século XVII elucidava: "Considero impossível conhecer as partes se não conheço o todo, assim como conhecer o todo se não conheço particularmente as partes", nos remete ao entendimento de ser impossível dissociar as posturas em sala de aula, do contexto sociocultural no qual seus atores estão inseridos, uma vez que aquele ambiente retrata a realidade do mundo por eles vivenciada. Brennan (2005, p. 28), afirma: "o que aprendemos depende de como nos relacionamos com o mundo e depende, também dos elementos culturais que constituem essa relação". Assim pensando, compreende-se a implicação familiar nesse processo, como afirma Carvalho (2004, p. 47): "educação tem um papel fundamental na produção e reprodução cultural e social e começa no lar/família [...]". Ainda nesse sentido, Morin (2011, p. 49) alerta "que a compreensão de dados particulares não pode ser pertinente senão para aquele que alimenta e cultiva sua inteligência geral, e mobiliza seus conhecimentos de conjunto em cada caso particular". Assim, a sala de aula precisa ser entendida, como essa rede complexa de visões e opiniões que se entrelaçam, pois que são partes de uma realidade maior.

Ao detectar a dificuldade na lide de algumas temáticas, durante as aulas de História, diante de um contingente tão plural em opiniões e ideias, percebe-se a necessidade, mais que urgente, de romper essas barreiras, para a promoção de uma convivência respeitosa e que contemple a todos, considerando o que está posto no Art. 206, III da Constituição Federal de 1988 que, em relação ao campo educacional, afirma: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”. (BRASIL, 1988). O Art. 3º, IV, institui que se deve: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. (BRASIL, 1988).

Compreende-se que a insistência em garantir o respeito às diferenças no ambiente escolar, deve ser requisito da prática do professor libertador, assim descrito por Freire (1986, p. 203): “O professor libertador nem manipula, nem lava as mãos da responsabilidade que tem com os alunos. Assume o papel diretivo necessário para educar”. Acredita-se ser essa uma postura considerada na redução do preconceito. E Freire (2006, p. 36) ainda afirma: “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a subjetividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. Como educar para a cidadania, construindo uma sociedade democrática com a constatação inicial de jovens que se negam a dialogar, ouvir, questionar e tecer suas próprias ideias? Onde foi parar a curiosidade tão peculiar da juventude? Por que a negação do direito do outro de ser diferente, numa sociedade cada vez mais plural em tantos sentidos? Por que velhos discursos excludentes são perpetuados de maneira tão incisiva nas salas de aula por tantos jovens? Quantas inquietações!

Compreende-se a delicadeza que é trabalhar um componente curricular tão subjetivo, quanto o de História, não em relação ao fato histórico em si, pois que já foi concretizado, mas, à sua interpretação agregada à emoção advinda do professor, ao abordá-lo. Nesse sentido, Miceli (2009, p.39) atenta para o fato de que é impossível trabalhar temas como preconceito, violência, desigualdade e outros tantos, de forma neutra, e afirma: “ensinar História também significa comprometer-se com uma ética de mundo, onde guerras, massacres e outras formas de violência precisam ser tratados de modo crítico”. E Freire (2006, p. 60), mais uma vez, corrobora: “Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar”. Essa afirmativa vem coadunar com o pensamento de Müller e Coelho (2013, p.45) ao se referirem à tão necessária e urgente execução de práticas inclusivas nas escolas, em seu sentido mais amplo, pensando “a categoria “inclusão”, com vistas à consideração de diversos

segmentos da sociedade brasileira, antes ausentes das representações da nacionalidade”.

A partir da compreensão de que comportamentos são produções culturais, quando esses são legitimados pelos integrantes dos grupos sociais, e remetendo-se aqui, às posturas preconceituosas que são detectadas no fazer da sala de aula e sua interface midiática, compreende-se que são elas, construções culturais. Quanto à concepção de cultura, Costa (2005, p. 108), esclarece que, na contemporaneidade, a cultura, de forma gradual, sai do controle erudito de uma estética elitizada e incorpora, também, o gosto popular, agregando outros sentidos. E afirma: “É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, típico produto da indústria cultural ou da sociedade *techno* contemporâneo, bem como com às culturas juvenis [...]”. Diante do exposto, faz-se necessário um estudo sobre a influência do pertencimento religioso na formação sociocultural de professores e estudantes e, a maneira como esses direcionamentos reverberam nas escolas.

Wortmann, Costa e Silveira (2015), em estudo sobre processos culturais na educação, alertam para a forte existência das chamadas *pedagogias culturais* que estão presentes “entre” e para além dos muros escolares, como uma expressão da multiplicidade dos processos educativos característicos do mundo contemporâneo, que agregam artefatos audiovisuais em suas mais variadas formas. E evidenciam a necessidade de se realizar investigação acerca do que é peculiar a essas pedagogias que envolvem nossos estudantes, uma vez que “as teorias sociais e culturais se ocupam centralmente com a formação das subjetividades engendradas pelos modos de vida contemporâneos que modelam corpos e mentes” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA: (2015, p. 39). Ora, se as várias formas de *pedagogias culturais* agem tão fortemente sobre nossos estudantes, preocupa o tipo de conhecimento que elas produzem e como podem ser também, motivadoras de comportamentos preconceituosos e de contributo para a formação de novos paradigmas. Como lidar com toda essa avalanche de informações e seus efeitos no fazer escolar é um grande desafio para o professor. Nesse sentido, Muniz Sodré (2012), em entrevista, alerta para a necessidade de requalificar o professor que é a parte mais importante da educação, para que ele saia do modelo prisional de educação em que se encontra, para assumir a figura de *professor iniciador* e, a partir de então, utilizar os recursos tecnológicos. Segundo Sodré, a novidade que a tecnologia traz para a educação é *educar para o sensível*. Diz ainda que não são os argumentos que educam, uma vez que não emocionam. Portanto, há que haver a *lógica do sentido*, e necessidade de reinventar a educação.

É notória a dificuldade que os docentes enfrentam diante dos avanços tecnológicos e a

não habilidade para empregá-los em sua prática docente. A carga horária exaustiva e a falta de recursos limita, na maioria das vezes, sua inserção no mundo da tecnologia. É fácil detectar que em matéria de recursos tecnológicos, em sala de aula, os estudantes mais ensinam que aprendem. Talvez, esteja aí uma das causas da fragilidade tecnológica no fazer escolar. A falta de domínio das TIs, por parte dos docentes. Algo que seria facilmente contornado, se as instâncias governamentais utilizassem os recursos garantidos por lei, para investir mais incisivamente no aperfeiçoamento dos profissionais que lidam com a educação. A Resolução nº. 4 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2010); A Resolução nº. 2, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada; as 20 Metas do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), garantem a valorização do profissional em educação. Portanto, percebe-se que, tudo é uma questão de prioridade.

Quanto ao aparato tecnológico, o qual os estudantes estão expostos, há que se considerar o tipo de discurso que é disseminado. Quanto ao discurso, Foucault (1996), elucida que os discursos produzidos possuem a função de conjurar poderes, pois que são produzidos, também, para controlar. O docente deve ater-se a todas as nuances e suscetibilidades do ambiente escolar para que através de ações concretas, possa agir de forma contundente e eficaz, sem se deixar abater por um sistema educacional que, na atualidade, mais que nunca, parece caminhar para o incentivo de posturas de apatia e desânimo.

Sabe-se que não é fácil remar contra a maré em águas tão turvas e revoltas, mas, há que se “ter gana, sempre”, como um dia disse o poeta. Afinal, ninguém melhor do que aquele que está na ponta da lança, com a mão na massa, observando a banda, para encontrar a afinação correta do instrumento e não permitir que a música pare de tocar. Quem é esse maestro “maluco beleza”? Sou eu. É você. Somos todas e todos que acreditamos, fazemos, tocamos e regemos a banda da crença na educação.

Conclusões

Motivar o aprendizado, contribuir para a derrubada das barreiras que impedem a minimização do preconceito, seja ele de qualquer forma que se expresse, desenvolver atividades que atraiam a atenção e proporcionem prazer e interesse dos estudantes é, sem dúvida, tarefa essencial do professor contemporâneo.

Os entraves e dificuldades não deixarão de existir, os impasses estarão sempre presentes em quaisquer épocas. A falta de comprometimento

governamental com o processo educacional, em relação, principalmente, aos estudantes das escolas públicas, sinaliza claramente para um caminho de perspectivas nada animadoras. Porém, nada disso deve abater a consciência de que o docente é, sem a menor dúvida, e apesar de todos os percalços, um formador de opinião. Mesmo tendo a indústria midiática comprometida com interesses escusos, é ele, o educador, aquele que, mais de perto, pode emocionar e educar com a maior de todas as ferramentas, que é o seu exemplo, o seu comportamento ético de comprometimento com os aqueles que estão a sua volta, para com sua experiência de cidadão, ensinar e, quando necessário, também aprender.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE), 2014. 63p.

_____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010.

_____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Resolução CNE/CP nº 2, de 01 de julho de 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE), 2014. 63p.

BRENNAND, Edna de Góes; VASCONCELOS; Giuliana Cavalcanti. O Conceito de Potencial múltiplo da Inteligência DE Howard Gardner para Pensar Dispositivos Multimidiáticos. In: Ciência & Cognição, 2005; vol. 05: 19-35. Disponível em: <http://www.ciencia>. Acesso em: 29 de agosto de 2016.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de Educação, Gênero e Relações Escola-Família. In: Cadernos de pesquisa, v. 34, n. 121, p. 45-58. Disponível em: www.scielo.br/pdf%OD/cp/v34n121/a03n121.pdf. Acesso em: 30/08/2016.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e Educação. In: Cultura, Poder e Educação: um debate sobre estudos culturais da educação. SILVEIRA, R.M.H. (Org.). Canoas: Editora ULBRA, 2005. (p.15-38/p.107-120/p.123-144).

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo:

Paz e Terra, 2006.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História. In. PINSKY, Jaime (Org.) O ensino de História: e a criação do fato. São Paulo: contexto, 2009.

MORIN, Edgar. Rumo ao Abismo?: ensaio sobre o destino da humanidade; tradução Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A lei nº 10.639/03 e a Formação de Professores: trajetória e perspectivas. *In: Revista da ABPN* - v. 5, n. 11 – jul. – out. 2013 – p. 29-54.

PASCAL, Blaise. Pensamentos. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SHOR, Ira, FREIRE, Paulo. Medo e ousadia: o cotidiano do professor; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SODRÉ, M. [Entrevista] Reinventando a educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XzIX98vu> Acesso em: 28/08/2017.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna ; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 32-48, jan.-abr. 2015. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/fo/index.php/faced/issue/vien/926> Acesso em: 30/08/2017.